

As favelas e a luta ecológica

Sandra Cavalcanti

Essa mentalidade ecológica, de respeito ao meio ambiente, acabou junto com o Império

ser objeto de ocupação. Segundo eles, elas só conseguem suportar chuvas torrenciais, normais nesta região tropical, quando estão muito bem recobertas por especial e específica massa florestal.

Portanto, os deslizamentos, desbarancamentos, crateras, pedras rolantes e afundamentos decorrem da formação geológica e do tempo de vida dessas serras. Para resolvê-los não existem modelos urbanísticos, truques de arquitetura ou esforços civilizatórios. Esses

Convocados pela imperatriz Leopoldina para realizar o monumental projeto de salvar a Floresta da Tijuca, os cientistas europeus fizeram várias observações decisivas: as encostas dessas serras, principalmente as que circundam a cidade do Rio de Janeiro, são muito perigosas e não devem

problemas escapam ao poder dos homens e precisam ser respeitados. A natureza tem suas leis, suas regras, suas razões, seus mistérios e suas vinganças. As provas estão aí, todos os dias, marcadas por tragédias e perdas de vidas.

No século 19, na Europa e na América, grandes projetos conservacionistas recuperaram florestas inteiras, preservaram as restantes, defenderam fontes de águas puras e sanearam o que estava poluído. Nessa época, o Brasil também realizou um grande projeto conservacionista, talvez um dos mais importantes do mundo, graças à visão culta e corajosa da imperatriz Leopoldina: a recuperação da Floresta da Tijuca.

Aqui chegando e conhecendo a maravilha desta região tropical, a jovem princesa percebeu o escândalo praticado contra a natureza. As serras tinham sido desmatadas e transformadas em plantações de café, milho e cana! A imperatriz Leopoldina mandou buscar estudiosos de fama mundial e, com eles, armou o seu audacioso projeto. Foi uma obra notável, que durou 12 anos.

Nessa preocupação com a natureza, ela não estava só. D. João VI havia começado, com a criação do Horto, todo um trabalho de pesquisa e levantamento da flora e da fauna do reino. Esse horto foi o começo do atual Jardim Botânico, que hoje goza de prestígio internacional. As palmeiras que D. João VI plantou ainda estão ali, de pé, como testemunhas vivas desse pioneirismo no respeito ao meio ambiente.

Hoje, quando visitamos a Floresta da Tijuca, que é um ponto turístico de atração mundial, dificilmente podemos imaginar que aquela floresta não é uma mata virgem atlântica. Ela é igual. Ela é perfeita. E tem mais: é a mais importante floresta tropical refeita pela mão do homem!

A obra monumental foi continuada e terminada por seu neto, o imperador Pedro II, a quem o país deve os mais importantes estudos sobre a flora e a fauna de nossa terra, feitos por missões estrangeiras e brasileiras, por ele estimuladas e financiadas.

Infelizmente, essa mentalidade con-

servacionista, ecológica, de respeito ao meio ambiente, acabou junto com o Império. Nessa matéria, a República foi um fracasso. Mesmo agora, os mais sinceros e dedicados ecologistas lutam muito mais contra os futuros possíveis perigos da produção de energia nuclear do que contra os presentes e atuais desastres oriundos da ocupação criminosa de nossas serras pelas favelas. Não conheço uma só ONG que se tenha organizado para defender a desocupação de nossos morros e o seu reflorestamento com mata atlântica. Por puro preconceito, de origem política e ideológica, não dão uma só palavra em favor do único programa que resolveria o caso dessas favelas em morros. É tabu! Não se pode falar em erradicação. É proibido.

No entanto, a realidade está aí. Para as áreas faveladas, que ocupam essas serras, tanto aqui como em outras cidades fluminenses, só há uma solução: partir para um projeto de reflorestamento igual ao da imperatriz Leopoldina. Será que isso é impossível? Claro que não. Reflorestar, com as tecnologias e os conheci-

mentos de hoje, vai ser até mais simples. O mais difícil será, certamente, reassentar, de forma inteligente, variada e democrática, todas as famílias que deverão deixar esses morros condenados. Para isso, há que haver vontade política, capacidade administrativa, decência com o dinheiro público e, principalmente, participação direta dos interessados.

No Rio, quem ocupa esses morros já tem nível cultural suficiente para escolher para onde quer ir. O segredo do plano está em ligar dois pólos de interesses: de um lado, uma farta oferta de imóveis em lugares variados, com preços razoáveis; de outro, linhas de financiamento de fácil acesso, a longo prazo e com juros baixos.

Será que as últimas chuvas e as centenas de mortes não foram suficientes para convencer nossas autoridades da urgência de iniciar o reflorestamento desses morros, junto com um plano habitacional, moderno e ágil, de reassentamento dessas populações em perigo?

Sandra Cavalcanti é professora

INSTITUTO	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	5B
Data	17/04/2002 Pg. 11
Class.	MA1100077
Documentação	
011 NIÃO	